

A reforma que só depende de FH

De olho na reeleição, presidente aceita começar já em maio as mudanças em seu Ministério

Roberto Stuckert Filho

Tales Faria e Bernardino Furtado

BRASÍLIA e SÃO PAULO

O presidente Fernando Henrique está disposto a antecipar para maio a reforma do Ministério. Ele vem discutindo o assunto desde a Semana Santa com os líderes dos partidos governistas e no domingo voltou a falar nisso com o presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães, o ministro Sérgio Motta e os líderes do Governo na Câmara, Luiz Carlos Santos, e do PSDB, José Aníbal. A conversa era sobre reeleição e o grupo concluiu que a emenda não será aprovada sem o apoio do PPB. Fernando Henrique disse que está pronto para nomear logo um representante do partido para o Ministério, o que deflagraria outras mudanças no primeiro escalão. Na semana passada, o presidente disse ao líder do PMDB no Senado, Jáder Barbalho, que voltou a pensar até na nomeação de um coordenador político para o Governo. Com isso, além do PPB, o PMDB também seria beneficiado.

As alterações, que vão organizar o esquema de sustentação política que permitiria a aprovação futura da reeleição, estão também diretamente relacionadas com as eleições municipais. Sérgio Motta deixou claro que pode concorrer à Prefeitura de São Paulo, desde que conte com um arco de alianças que lhe dê chances de vitória. Isso incluiria o apoio do prefeito de São Paulo, Paulo Maluf, principal cacique do PPB. Dar um ministério para o partido não só incentivaria esse acordo em São Paulo como poderia, na avaliação dos presentes, diminuir as restrições de Maluf ao projeto de reeleição. A comissão especial que estuda a emenda deverá ser instalada por Luís Eduardo Magalhães logo depois que forem superados os problemas com a reforma previdenciária. Maluf tem dito que já não acredita mais na aprovação da reeleição a tempo de valer para os atuais prefeitos.

Vagas em ministérios e dentro do próprio Palácio do Planalto

Se Motta decidir concorrer, o Ministério das Comunicações será um dos itens da reforma e o mais cotado para substituí-lo, segundo os líderes governistas, é o deputado Aloysio Nunes Ferreira (PMDB-SP). Amigo de Fernando Henrique, de dona Ruth Cardoso e do próprio Sérgio Motta, Aloysio tanto poderia comandar a pasta como ir para o Palácio do Planalto, com a transferência de Clóvis Carvalho (Casa Civil) ou Eduardo Jorge Caldas (Secretaria-Geral da Presidência) para o Ministério das Comunicações. Nesse caso, ficaria com a função de articulador político. Aloysio



FERNANDO HENRIQUE: disposto a nomear logo um ministro do PPB para aplinar o terreno no Congresso para a emenda da reeleição

Nunes já foi cogitado para a função de coordenador político pelo próprio Fernando Henrique, mas teve o nome vetado pelo presidente do PMDB, Paes de Andrade. Agora, no entanto, o PMDB suspendeu o veto ao seu nome.

— Não há nem pode haver vetos nesse caso. Primeiro, porque o coordenador político tem que ser um homem do presidente. Se ele escolher quem quer que for, os partidos têm mais que acatar. Aliás, o presidente não deve nem discutir nomes com os partidos. Segun-

do, porque só honraria ao PMDB uma função destas para um dos seus membros. Terceiro, porque a história de Aloysio Nunes mostra que ele é um homem correto e um político extremamente habilidoso. O PMDB ficaria muito satisfeito — afirma o líder do partido no Senado, Jáder Barbalho (PA).

A saída de Motta para concorrer à prefeitura de São Paulo foi discutida na semana passada entre Fernando Henrique e o presidente do PFL, Jorge Bornhausen. A idéia é promover alianças

entre o PSDB e o PFL nas eleições municipais, especialmente no Rio e em São Paulo. Bornhausen anunciou que o PFL apoiará Motta caso ele se candidate. No Rio, o problema é que o governador Marcello Allencar e o prefeito César Maia não se entendem. Allencar já anunciou apoio a Sérgio Cabral Filho, nome que César Maia não aceita. Bornhausen e Fernando Henrique ficaram de articular uma reaproximação entre o prefeito e o governador.

— Reforma ministerial é decisão ex-

clusiva do presidente da República. Já informei antes ao presidente que o PFL não se opõe e até estimula a entrada do PPB no Ministério. Mas cabe ao presidente decidir sobre o momento adequado. Não temos nada o que opinar nesse assunto — disse Jorge Bornhausen.

A expectativa no PPB é de ficar ou com a pasta da Indústria e do Comércio ou com a Agricultura. No primeiro caso, o mais cotado para substituir Dorothéa Werneck é o deputado Francisco Dornelles. No segundo caso, a idéia seria uma transferência do atual ministro da Agricultura, José Eduardo de Andrade Vieira, para a Indústria e Comércio, entregando sua vaga para alguém do PPB — o mais cotado é o presidente do partido, senador Esperidião Amim (SC). A decisão de integrar o PPB logo ao Ministério serve também para acalmar Maluf, já que, na reunião de domingo, todos concordaram que a emenda da reeleição não deverá ser votada ainda este ano, mesmo com a comissão instalada até a próxima semana.

— Precisamos dar uma demonstração rápida de boa vontade com Maluf e o PPB, para que ele não fique pensando que o Governo teve má vontade — disse Sérgio Motta na reunião, segundo relato de um dos presentes.

Para barrar a reeleição, PT quer aliança com Ciro, Itamar e Sarney

Em encontro marcado para hoje em São Paulo com o ex-ministro da Fazenda e tucano dissidente Ciro Gomes, o presidente do PT, José Dirceu, começa a pôr em prática um plano ousado para tentar deter o rolo compressor da maioria governista no Congresso. O objetivo mais imediato é buscar aliados, não importa onde estiverem, para barrar o projeto de reeleição de Fernando Henrique. Nesse particular, os interesses do PT convergem com os de Ciro Gomes e do ex-presidente Itamar Franco.

Ciro e Itamar se encontraram ontem em Brasília, condenaram a reeleição já, mas negaram ser candidatos à sucessão. Itamar evitou críticas diretas. Com propostas para se filiar em quase todos os partidos, disse que não pensa nisso agora. Disse também que não sentia saudades do poder e muito menos da corte que cerca os poderosos.

— Muita gente, entre aqueles que hoje cercam Fernando Henrique, não aprovou sua candidatura. Eu cumpro uma missão importante. Num momento crucial, como quando Ciro aceitou o convite para o Ministério da Fazenda, mantivemos o Plano Real e a candidatura de Fernando Henrique. Muitos daqueles que cercam o presidente não ajudaram no Plano Real. Mas se julgarem donos do Real — desabafou Itamar. ■